



PORTE PAGO

SE7E

HORA ZERO DISCO EM LONDRES



SHARON STONE

FATAL COMO O DESTINO

★ CITEMOR

★ FESTIVAL
NÓRDICO

★ MACAULAY
CULKIN

★ SITIADOS

★ MEGADETH

★ PAIXÃO DE ESTRADA

osicom
computers made in USA

*OSICOM
para si
que exige alta
performance*

TRIUDUS





FOTOS GONÇALO ROSA DA SILVA

la strada

É o melhor substituto conhecido para o efeito cinematográfico. Com significativos ganhos. Viajar estradas por muitos e muitos quilómetros, de preferência sem parar, para atingir aquele estado de letargia ardente e triste de querer ver tudo mesmo assim, em tonturas de raspão. Aviso já que este é um prazer exclusivamente destinado à parte da humanidade que não conduz, onde me incluo por uma série de motivos que não interessa aprofundar. Não tem de se estar necessariamente atento ao que está imediatamente em frente, nem há que temer pela vida de outrém por uma simples distração móssã, nem de insultar a miude o criminoso que nos tenta abalroar sem motivo de espécie nenhuma. A única e grata ocupação de quem, simplesmente, vai, é só uma: ver.

Todos os tipos de estrada servem, desde que não engarrafadas. A partir do quilómetro 700, o tripulante adquire um tipo de sentimentos e reacções absolutamente característicos. O primeiro índice é um disparatado amor ao conceito de «área de serviço», bendita invenção dos construtores e associados que concentra num espaço pequeno tudo a que qualquer humano pode aspirar: bebidas frescas, WC, tabaco e pessoas de passagem. Além disso, uma rara comunhão nos rostos que, por uma vez, sintonizam solidariedade. «Não durmo há mil horas...». «Ah, se soubesse o que ainda me falta...». A seguir, começa a notar-se uma ternura por certas características da estrada, como uma lomba especialmente bem torneada, um súbito entortanço do risco contínuo ou a nitida bebedeira de quem colocou ali aquele sinal, rigorosamente irrelevante. Se realmente a viagem dura há muitas horas, os sintomas tornam-se inquietantes, assumindo a forma de um misto de senilidade precoce e entusiasmo infantil, que pode tomar a forma da obsessão do número («credo, nos últimos 200 kms, fomos passados por 43 BMW's») ou da identificação de matrículas por país de origem, quanto mais crípticas melhor. O grave é chegar ao extremo de tentar adivinhar a cidade, apenas para melhor insultar, gratuita e felizmente, como os miudos, «Bu» para ti também. Deves ser de Burgos com certeza».

(Quando se trata de andar, sem outro objectivo) O pior são as paragens nas cidades. O sinal exterior que define o verdadeiro «estradista» é aquele inconfundível andar de marinho em terra, cotado pela típica expressão de alívio no esticar das pernas. É claro que rapidamente este prazer menor é substituído pela vontade de rapidamente tornar ao mesmo complexo e despechar a canalha humana entregue ao seu quotidiano macabro. Trocar tudo pelo infinito em diminutivo que a estrada oferece sem pedir nada em troca, é excepção da nossa atenção. Por mim, não parava. Quando me cansasse de ver, encostava e adormecia, até as ervas se evocarem nos prurios.

É uma questão de higiene, saúde, moral e mental. Observar sem constrangimentos ginásticos o mundo, aviva a memória a pontos insuspeitáveis e garante uma generosidade de que geralmente andamos apartados. O halito molhado do calor na testa em frente a capacidade de ir pintando coisas, com reflexões e desmesura (gado, bonecos publicitários, plantações de girassóis, todas de cores do céu), torna por si um panteísmo subversivo e muito edificante de realidade. Dá-nos de um olhar directo, de um sentido de presença fugaz mas incondicional, perante a variedade do mundo a saudável dimensão da relatividade das coisas, misérias. Volta e meia é indispensável um tratamento de choque deslós. Como Baudelaire dizia do arabesco, «a mais espiritual das linhas», também viajar por estrada se assemelha a doce ilusão da utopia, onde os sentidos se espiritualizam e só o movimento delimita os contornos das coisas. O mundo cresce a cada do universo, por obra e graça de uma autêntica «yellow brick road». O único requisito necessário é preparar uma boa companhia que ignore este equívoco letor dos que não conduzem e vão realmente a viajar. Nestas condições, just eat the road, then.

Teófilo CARMO

